

# A contação de histórias como contribuição para o saber docente

*Beatriz Moreira Novais*<sup>1</sup>

*“Se a educação sozinha não transforma a sociedade,  
sem ela, tampouco, a sociedade muda.”*

— Paulo Freire

## Resumo

Este artigo aborda a prática pedagógica “Contação de Histórias” como mais uma ferramenta para auxiliar o professor em sala de aula possibilitando-lhe, por meio das histórias, abarcar experiências suas e de seus alunos e estabelecer ligação entre as matérias ensinadas e a vida escolar cotidiana. O texto foi construído visando à sistematização da experiência vivenciada junto aos estudantes de Pedagogia em outubro de 2015 na Faculdade de Educação da UEMG e traz em seu escopo, a apresentação de algumas perspectivas e potencialidades, bem como, algumas técnicas para utilização da prática em sala de aula.

**Palavras-chave:** Contação de Histórias. Saberes Docentes. Ferramentas pedagógicas.

---

<sup>1</sup> Graduada em Gestão de Recursos Humanos e pós-graduada - MBA em Gestão Estratégica de Negócios pelo Centro Universitário UNA. Formada em Artes Cênicas pela UFMG. Master-practitioner em Programação Neurolinguística pelo Instituto Brasileiro de Programação Neurolinguística - IBraPNL e Sociedade de Terapia Breve reconhecidos pelo Southern Institute of NLP (Flórida - USA). Psicopedagoga pela Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG..

## 1. Introdução

Refletir.... Refletir sempre, principalmente sobre o saber docente.

Esta deveria ser uma prática a ser instituída em todas as faculdades de Pedagogia, não só anualmente, mas, cotidianamente pois, o processo educativo começa na família, é sistematizado na escola e consolida-se na vida em sociedade. Portanto, torna-se premente a reflexão sobre estratégias pedagógicas que facilitem e possibilitem a formação de um ser-cidadão que busque a transformação da realidade social.

Neste viés, o professor se configura como um importante agente de mudança, aquele que media a informação e veicula o conhecimento necessário para viabilizar as mudanças de que necessita a sociedade.

Em outubro de 2015 foi realizada a palestra/oficina sobre contação de histórias na Faculdade de Educação da UEMG para estudantes do Curso de Pedagogia visando a reflexão sobre como essa técnica milenar pode contribuir para o saber e empoderamento docente. Foram delineadas algumas técnicas e apresentadas algumas perspectivas das quais o educador pode se valer.

Para a sistematização daquela experiência foi construído este texto abordando a prática pedagógica “Contação de Histórias” como mais uma ferramenta para auxiliar o professor em sala de aula possibilitando-lhe, por meio das histórias, abarcar experiências suas e de seus alunos e estabelecer ligação entre as matérias ensinadas e a vida escolar cotidiana. Enfim, uma estratégia a ser utilizada e agregada ao saber docente.

## A escola atual

Segundo DELORS (*et al*, 2003) cada vez mais as crianças chegam à escola transportando consigo a imagem de um mundo – real ou fictício – que ultrapassa em muito os limites da família e da comunidade de vizinhos. As mensagens mais variadas – lúdicas, informativas, publicitárias – transmitidas pelos meios de comunicação social entram em concorrência ou em contradição com o que as crianças aprendem na escola. Estas mensagens surgem sempre organizadas em rápidas sequências o que, em numerosas regiões do mundo, tem uma influência negativa sobre a capacidade de manter a atenção, por parte dos alunos e, portanto, sobre as relações na sala de aula. Passando os alunos menos tempo na escola do que diante da televisão, a seus olhos é grande o contraste entre a gratificação instantânea oferecida pelos meios de

comunicação, que não lhes exige nenhum esforço, e o que lhes é exigido para alcançarem sucesso na escola.

E em meio a este cenário a educação depara-se com uma sociedade que atribui à educação um papel ambicioso no desenvolvimento dos indivíduos num tempo em que, por toda a parte, indivíduos e poderes públicos consideram a busca do conhecimento não apenas como meio para alcançar um fim, mas como fim em si mesmo. É por isso que são enormes as responsabilidades dos professores a quem cabe formar o caráter e o espírito das novas gerações. A aposta é alta e põe em primeiro plano os valores morais adquiridos na infância e ao longo de toda a vida. DELORS (*et al*, 2003).

Desta forma, torna-se necessário os educadores se valerem de ferramentas e estratégias que facilitem sua atuação nos processos de veiculação e construção do conhecimento. Não desconsiderando a necessidade de melhorias na formação e nas condições de trabalho docente, considera-se que os docentes devem, dado sua atuação como agentes de mudanças, possuir conhecimentos, competências, as qualidades pessoais.

Sendo a educação para a cidadania e democracia, por excelência, uma educação que não se limita ao espaço e ao tempo da educação formal, é preciso pensar também em outras estratégias educativas. Nesse sentido, as relações entre educação formal e informal devem ser pensadas.

Refletindo sobre a realidade educacional em nosso país, o que pode a sociedade esperar dos professores? Em termos realistas, que exigências lhes podem ser feitas? A que contrapartidas podem eles aspirar – condições de trabalho, direitos? Quem pode vir a ser bom professor, como descobrir uma pessoa dessas, formá-la e fazer preservar a sua motivação, assim como a qualidade do seu ensino?

Ao longo de sua formação e carreira o professor se apropria de discursos e métodos que nem sempre os deixam aptos a enfrentar os grandes desafios que circundam a sala de aula e não podem ser negligenciados: pobreza, fome, violência e droga entram com os alunos nos estabelecimentos de ensino, quando até há pouco tempo ainda ficavam de fora com as crianças não escolarizadas.

Ainda assim, a sociedade espera que os professores sejam capazes, não só de enfrentar estes problemas e esclarecer os alunos sobre um conjunto de questões sociais, mas também que obtenham sucesso em áreas em que pais, instituições religiosas e poderes públicos falharam, muitas vezes. Devem ainda encontrar o justo equilíbrio entre tradição e modernidade, entre as ideias e atitudes próprias da criança e os conteúdos curriculares.

## Por que contar histórias – uma nova perspectiva

DELORS (2003) nos diz que no passado, os alunos eram geralmente obrigados a aceitar o que a escola lhes oferecia, quer se tratasse da língua, do conteúdo ou da organização do ensino. Hoje em dia, é cada vez mais importante para as pessoas terem uma palavra a dizer nas decisões relativas à organização escolar. Estas decisões têm influência direta nas condições de trabalho dos professores e no que deles se exige, e estão na origem de outra contradição interna da prática pedagógica moderna. Por um lado, as crianças aprendem com melhor aproveitamento quando o professor toma como ponto de partida do seu ensino os conhecimentos que elas já trazem consigo para a escola — observação válida, não só para a língua adotada, mas também para as ciências, a matemática ou a história. Por outro lado, para que possam adquirir autonomia, criatividade e curiosidade de espírito, que são complementos necessários à aquisição do saber, o professor deve necessariamente manter uma certa distância entre a escola e o meio que a envolve, a fim de que as crianças e os adolescentes tenham ocasião de exercer o seu senso crítico. O professor deve estabelecer uma nova relação em sala de aula.

Tanto para Piaget (1974) como para Vygotsky (2008), o ambiente da sala de aula requer interação social, embora por circunstâncias distintas. Para Vygotsky (2008), o ambiente social é a fonte de modelos dos quais as construções devem se aproximar. É a fonte do conhecimento socialmente construído que serve de modelo e media as construções do indivíduo. A aprendizagem, e o desenvolvimento são adquiridos por modelos e, claro, pela motivação da criança. Para Piaget (1974), a interação com os colegas e adultos.

Trata-se, a final, da construção da escola como um modelo de prática democrática que leve as crianças a compreender, a partir de problemas concretos, quais são os seus direitos e deveres, e como o exercício da sua liberdade é limitado pelo exercício dos direitos e da liberdade dos outros. Neste viés, um conjunto de práticas já experimentadas poderá reforçar esta aprendizagem da democracia na escola: elaboração de regulamentos da comunidade escolar; criação de parlamentos de alunos; jogos de simulação do funcionamento de instituições democráticas: jornais de escola; exercícios de resolução não violenta de conflitos e, também, a prática milenar de contação de histórias. Enriquecedoras, por exemplo, são histórias sobre a origem da dinâmica social como sobre os gregos e romanos, o surgimento do Estado, o surgimento do dinheiro e sua inserção na dinâmica da vida social.

E, ato contínuo, poderemos utilizar as histórias contadas transversalizando-as em outros conteúdos curriculares, seja português, matemática, ciências, história ou outros. Basta um olhar atento ao conteúdo a ser ministrado e um pouco de imaginação.

Ao ouvirmos histórias temos a possibilidade de, por meio da transderivação, refletir sobre a vida, sobre a morte, sobre nossas atitudes e escolhas, pois elas nos falam de dor, de lutas, de compreensão, de compaixão, de solidariedade, de esperança e de vitória!

As histórias estimulam e desenvolvem a capacidade de formulação do próprio saber e como consequência, a formação de um adulto pronto para interferir em sua realidade.

Assim, as histórias nos possibilitam: reflexão sobre a vida; reflexão sobre as atitudes e escolhas; estímulo e desenvolvimento da capacidade de formulação do conhecimento; desenvolvimento do senso crítico e do raciocínio lógico; aprendizado por transderivação gerando segurança em si mesmo; transmissão de valores; desenvolvimento da imaginação e criatividade; e enfim, conhecimento por meio da instrução e da experiência vivenciada.

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e ao trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, *apud* MATEUS *et al* 2013).

## **A arte de contar histórias – potencialidades das histórias**

Conforme Sisto (2012) contar histórias é um meio de comunicação ancestral. Isso nos obriga a pensar em Platão que, na sua República, já se referia à importância de contar contos – primeiro os contos, depois a ginástica – para a educação física das crianças gregas, sem, contudo, negar a função de entretenimento que esses contos podiam proporcionar. E podemos ainda pensar nos aedos, bardos, rapsodos, jograis, trovadores, saltimbancos, menestréis, bufões, que de diversas formas contavam histórias e difundiam obras. E o que dizer de um dos livros mais antigos – a Bíblia – que fala também através de histórias? E como esquecer os contadores de histórias tribais primitivas, que certamente fazem silêncio para ouvir aquele que melhor contasse uma história e haveria de ser o que melhor a revestisse de detalhes, sem fugir ao essencial, o que tivesse

mais dons de graça, fantasia, aquele que contasse com emoção, como se estivesse vendo o que sua própria fala evocava na imaginação dos companheiros.

Até o século IV os textos eram copiados em rolos, dificultando sua manipulação e o olhar no espaço da página. A pronúncia incluía a maneira de ler, pois a leitura silenciosa era anomalia. Mesmo, com o advento da imprensa os livros passam a ser editados em um número pequeno e frequentemente com caráter religioso, como nessa época poucos sabiam ler, a leitura oral tem papel fundamental na transmissão dos escritos a outros.

Os estudiosos da leitura em voz alta (LVA) defendem que deve haver a convivência com o texto para que haja uma boa LVA; ela é partilhável; ela comunica emoção, “portanto é uma atividade formativa. É por isso que o professor deve fazer dela sua prática cotidiana, sua paixão de ler deve conduzir o ouvinte ao prazer do texto” BAJARD (2001) devendo haver então a sintonia entre orador-ouvinte-ouvintes. Desta forma a leitura para si e para os outros passa a se distinguir, sendo esta segunda “um encontro entre as pessoas envolvidas na comunicação... uma pessoa que dá voz a um texto e outra que ao escutá-lo, o enxerga” (*ibidem*). Assim, a LVA requer a língua e também linguagens.

Ainda, segundo BAJARD (2001) considerar a evolução das práticas de leitura e suas representações nos permite propor o dizer como “uma atividade de comunicação instaurada a partir da tradução de um texto escrito em texto oral”. Desta forma, ao ouvir uma história o ouvinte reproduz sem que haja livros e letras, ocorrendo uma transmissão de texto pela voz tornando-se o dizer a prática da recitação e da arte de contar, comportando uma dimensão lúdica. Aquele que diz passa a assumir as diversas etapas da enunciação, transformando-se em personagens e transformando o personagem fator importante para formação de qualquer pessoa. Ouvir histórias, escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho infinito de descobertas e de compreensão do mundo.

Observamos que o primeiro contato da criança é aquele mantido com pais, avós, e outros familiares que contam histórias representadas em contos de fadas, histórias inventadas na hora de dormir ou quando a família está reunida numa hora de aconchego, num dia de chuva de domingo ou num feriado.

Ler histórias significa poder rir, experimentar situações vivenciadas pelos personagens, é interagir com o jeito de escrever do autor, além de poder ser cúmplice do momento de humor, de brincadeira, do

divertimento, é esclarecer melhor as dificuldades ou descobrir um caminho para solução delas, é motivar a imaginação, é ter a curiosidade satisfeita em relação a tantas perguntas, é buscar outras ideias para solucionar certas questões.

“A história é importante alimento da imaginação. Permite auto identificação favorecendo a aceitação de situações desagradáveis e ajuda a resolver conflitos, acenando com a esperança. Agrada a todos, de modo geral, sem distinção de idade, de classe social, de circunstância de vida”. (COELHO, 2001, p. 12)

É ouvindo histórias que se pode sentir emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a segurança, o poder e tantas outras, dessa forma aprender a olhar o mundo com outros olhos, os olhos da tolerância.

Quando se ouve uma história o ouvinte pode descobrir outros lugares, pessoas, culturas, jeito de agir e de ser, tem a possibilidade de entender a pluralidade, e com isso respeitar a diferença entre os povos.

“As histórias nos servem para ensinar uma porção de coisas a respeito dos ouvintes, pois nos oferece um vasto material de estudo, portanto devemos: registrar os comentários, guardar os desenhos, comparar, analisar as diversas manifestações de expressão relacionadas às histórias. Há quem conte história para enfatizar mensagens, transmitir conhecimento, disciplinar, até fazer uma espécie de chantagem “se ficarem quietos, conto uma história.” Quando o inverso é que funciona. A história quieta, serena, prende à atenção, informa, socializa, educa. Quanto menor a preocupação em alcançar tais objetivos explicitamente, maior será a influência do contador de histórias. O compromisso do narrador é com a história, enquanto fonte de satisfação de necessidades básicas dos ouvintes. (COELHO, 2001, p.16)

O contar história traz dimensões pedagógicas, farmacopeia, e de entretenimento. Para PINKOLA (1998), a vida de um guardião de histórias é uma combinação de pesquisador, curandeiro, especialista em linguagem simbólica, narrador de histórias, inspirador, interlocutor de Deus e viajante do tempo.

Na farmácia das centenas de histórias ensinadas, a maioria delas não é usada como simples diversão. De acordo com a aplicação folclórica elas são, sim, concebidas e tratadas como um grande grupo de medicamentos de cura, cada um exigindo preparação espiritual e certos insights por

parte tanto do curandeiro quanto do paciente.

Essas histórias medicinais são tradicionalmente usadas de muitos modos diferentes. Para ensinar, para corrigir erros, para iluminar, auxiliar a transformação, curar ferimentos, recriar a memória. Seu principal objetivo consiste em instruir e embelezar a vida da alma e do mundo.

Arte é aquela que comove, emociona, desenvolve a sensibilidade. É importante porque ela celebra as estações da alma, ou algum acontecimento trágico ou especial na sua trajetória. A arte não é só para o indivíduo, não é só um marco da compreensão do próprio indivíduo. Ela é também um mapa para aqueles que virão depois de nós.

O ofício de contar histórias representa a criação de algo, e esse algo é a essência. Sempre que alimentamos a alma, ela garante a expansão.

Como toda arte, a de contar história também possui segredos e técnicas. E tem como matéria-prima a palavra, prerrogativas das criaturas humanas, depende, naturalmente, de certa tendência inata, mas pode ser desenvolvida, cultivada, desde que se goste de crianças e se reconheça a importância da história para elas.

O sucesso da narrativa depende de vários fatores que se interligam, sendo fundamental a elaboração de um planejamento, no sentido de organizar o desempenho do narrador, garantindo-lhe segurança e assegurando-lhe naturalidade.

O primeiro passo consiste em escolher o que contar, a quem, onde e quando iremos contar. A escolha é algo pessoal. O contador precisa sentir a história e ser capaz de emocionar-se e emocionar os outros. É interessante escolher uma temática.

Dentre os vários indicadores que nos orientam na seleção da história destaca-se o conhecimento dos interesses predominantes em cada faixa etária (pré-escolar, escolar). Como também a qualidade literária da história.

A história é um alimento da imaginação da criança e precisa ser dosada conforme sua estrutura cerebral. Sabemos que o leite é um alimento indispensável ao crescimento sadio. No entanto, se oferecermos ao lactante leite deteriorado ou em quantidade excessiva, poderão ocorrer vômitos, diarreias, e prejuízo da saúde. Feijão é uma excelente fonte de ferro, mas nem por isso iremos dar feijão a um bebê, pois fará mal a ele. Esperamos que cresça e seu organismo possa assimilar o alimento. A história também é assimilada de acordo com o desenvolvimento da criança e por um sistema muito mais delicado e especial. (COELHO, 2001, p. 14)



Então, devemos estar atentos à importância de saber escolher o que contar, tendo em vista a quem e o ambiente onde se irá contar.

Uma vez escolhida a história a ser contada passamos a estudá-la. Isso não significa que devemos decorá-la textualmente. Estudar uma história é, em primeiro lugar, divertir-se com ela, captar a mensagem que nela está implícita e, em seguida, após algumas leituras, identificar os seus elementos essenciais, isto é que constitui a sua estrutura: introdução, enredo, clímax, desfecho.

Estudar uma história é também inventar as músicas ou adaptar a letra a músicas conhecidas, conforme sugestão do texto, que são introduzidas no decorrer do enredo ou no final. Estudar a história é ainda escolher a melhor forma ou suporte mais adequado de apresentá-la. Os suportes mais utilizados são os seguintes:

- Livros
- Fantoches;
- Palco;
- Teatro de sombras;
- Retroprojeto;
- Sucatas e outros objetos;
- Flanelógrafo;
- Marionetes;
- Gravuras ou álbuns
- Álbum seriado;
- Maquete;
- Dramatização;
- Máscaras
- Cineminha;
- Radionovela;
- Telejornal;
- Teatro de papel.

sanfonados;

Pensar a ludicidade de forma complexa, é adotar estratégias de intervenções pedagógica que nos possibilite não apenas oferecer e oportunizar momentos lúdicos, mas extrair deste tempo substrato que permita interpretar o valor que as pessoas atribuem a estes momentos.

Quando se fala daquilo que se apresenta como novidade, é que a novidade é sempre algo que quebra a rotina, cria novas expectativas e possibilita experiências novas. Inovar a prática pedagógica é o desafio que deveria impulsionar os professores no fazer cotidiano, para buscar forças interiores, que no dia a dia justifiquem a função social que exercemos. Um professor não precisa ser um recreador, porém, se tiver ou desenvolver esta capacidade, com certeza, amplia consideravelmente seu repertório de ação.

Desta forma, junto ao ouvinte, o contador pode aprender a olhar, observar a realidade com arte, e fazer da prática pedagógica cotidiana uma prática reflexiva teórica e, por que não dizer, também lúdica. E nestas mediações pode recuperar o lúdico em várias disciplinas, abordando diversas questões sobre o brincar, e o contar histórias como: a relação adulto-criança, o brinquedo, a brincadeira e seu espaço, etc, não em contraposição às demais atividades, mas como parte integrante da vida dos alunos na instituição escolar e em outros espaços sociais de aprendizagem e convivência culturais.

Ouvindo história o ouvinte vai compondo uma infinita gama de possibilidades – tal como a imagem de um caleidoscópio, que lhe permite uma legitimidade do mundo, e é inserida nesta perspectiva transformadora que apontamos a ação lúdica na escola, pois, se acreditamos que nossos alunos são criativos e imaginativos em função das potencialidades de seu pensamento, podemos tornar isso possível, utilizando uma linguagem mágica, única e universal que é a linguagem da história.

## Considerações finais

Este artigo abordou a prática pedagógica “Contação de Histórias” como mais uma ferramenta para auxiliar o professor em sala de aula possibilitando-lhe, por meio das histórias, abarcar experiências suas e de seus alunos e estabelecer ligação entre as matérias ensinadas e a vida escolar cotidiana; enfim é uma estratégia a ser agregada ao saber docente.

Quando o educador vivencia experiências lúdicas o cotidiano pedagógico torna-se mais rico, pois ele solta sua imaginação estimulando suas capacidades, torna-se mais espontâneo, tem mais iniciativa, enfrenta desafios, modifica regras, torna-se mais confiante em si mesmo e assim facilita a interação com os educandos.

A contribuição de professores capacitados é crucial para preparar os jovens, não só para encarar o futuro com confiança, mas para construí-lo eles mesmos de maneira determinada e responsável. Os professores têm um papel determinante nessa formação de atitudes – positivas

ou negativas – perante o estudo. Os docentes devem despertar a curiosidade, desenvolver a autonomia, estimular o rigor intelectual e criar as condições necessárias para o sucesso da educação formal e da educação permanente e a técnica “Contação de histórias” é uma contribuição relevante neste contexto.

## REFERÊNCIAS

BAJARD, Elie: **Ler e Dizer - Compreensão e Comunicação do texto escrito**. São Paulo: Cortez, 2001

COELHO, Betty: **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 2001.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. 2ed. São Paulo: Cortez Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2003

MATEUS, Ana N. Biluca *et al* **A Importância da Contação de História Como Prática Educativa na Educação Infantil**. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/viewFile/8477/7227>> Acesso em: (16/11/2016)

PINKOLA, Clarissa. **O dom da história**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005

Vygotsky, L.S. **Pensamento e linguagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Piaget, J. **Aprendizagem e Conhecimento**. São Paulo: Freitas Bastos, 1974.

SAYEGH, Flávia. As Relações Entre Desenvolvimento e Aprendizagem Para Piaget e Vygotsky. 2006. Disponível em: < <http://www.profala.com/artpsico60.htm> > Acesso em: (16/11/2016)

Sisto, Celso: **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Belo Horizonte: Aletria, 2012